

Uma monumental obra musical esculpida em filigrana

Obituário

Pedro Amaral

Peter Eötvös (1944-2024)
Compositor, maestro e intérprete foi um dos grandes da Europa musical das últimas décadas

Na língua húngara, o nome Eötvös evoca a profissão de ourives: o que trabalha os metais preciosos e os torna peças de arte. Péter Eötvös, que morreu ontem, aos 80 anos, foi, à sua maneira, um joalheiro da arte musical, partindo do som, cuidadosamente depurado, e dando vida a extraordinárias peças de música, como compositor e intérprete.

Nascido na Transilvânia em plena Segunda Guerra Mundial, em Janeiro de 1944, o início da sua vida será marcado pela devastação, numa Europa em escombros. Fugindo ao flagelo da Frente Leste, a família irá rumar a Dresden, sem imaginar que a sua chegada iria coincidir com os bombardeamentos dos Aliados que se traduzirão em mortes incontáveis, e dos quais a criança de berço escapou como por milagre numa cave incógnita.

Crescerá numa Hungria capturada pelo regime soviético onde, segundo o seu próprio testemunho, professores e alunos se atinham a um veemente silêncio nas obrigatórias aulas de língua russa, como forma de resistência e protesto. Ainda em criança estudará na Academia de Música de Budapeste por indicação de Zoltan Kodály, derradeiro expoente da grande modernidade que, com Bartók, transformara a tradição húngara e criara uma escola estética internacionalmente reconhecida.

Concluídos os estudos em Composição, irá procurar um novo curso que lhe permita adiar o serviço militar obrigatório. Por mero pragmatismo envereda pela Direcção de Orquestra, sem imaginar que essa dupla formação viria a talhar de forma decisiva a sua personalidade musical, conferindo-lhe um perfil raro e de excelência que o imporia como uma das grandes figuras da Europa musical das últimas décadas.

Autorizado a prosseguir os seus estudos na Europa Ocidental, Eötvös escolherá Colónia, epicentro de uma vanguarda musical liderada por Bernd Alois Zimmermann e



SPENCER WEINER/GETTYIMAGES

Karlheinz Stockhausen. Aluno do primeiro na Musikhochschule, rapidamente entrará no círculo do segundo, integrando como pianista o Grupo Stockhausen, com o qual virá a partir para o Japão, participando em centenas de concertos com as obras do mestre na Exposição Universal de Osaka.

A carreira como maestro ganha um fortíssimo impulso quando substitui Michael Gielen na direcção de *Hymnen mit Orchester*, de Stockhausen, em Paris, em 1977 –

Foi um joalheiro da arte musical, partindo do som, cuidadosamente depurado, e dando vida a peças extraordinárias

Após anos em que se viu submerso pela actividade de intérprete, recentrou-se como compositor em torno da ópera

um momento histórico na sequência do qual Pierre Boulez viria a convidá-lo a dirigir o concerto inaugural do IRCAM, frente ao Ensemble Intercontemporain, de que se tornará depois director musical.

O resgate da ópera

Submerso pela actividade de intérprete, a sua obra como compositor revelar-se-á numa fase tardia, em meados da década de 1990, com a composição da ópera *Três Irmãs*, a partir de Tchékhov. Se a sua adolescência e juventude, em Budapeste, tinham sido marcadas pela colaboração com o teatro e o cinema, para os quais escreveu abundante música, não é surpreendente que o recentrar da sua vida na composição, já depois dos 50 anos de idade, tenha passado por um reencontro entre teatro e música.

Três Irmãs conheceu um extraordinário sucesso numa Europa que há muito aguardava por uma reconciliação da ópera com a modernidade. Nas quase três décadas que, entretanto, se seguiram, Eötvös apresentará 12 novas óperas, de cada vez explorando novas temáticas, novos textos, novas línguas, novas visões possíveis da dramaturgia musical. A derradeira, *Valuska*, é simultaneamente a única das suas

óperas de maturidade em que reencontra a sua língua materna, o húngaro que, na juventude, marcara as suas primeiras colaborações com o teatro.

As primeiras visitas de Eötvös a Portugal remontam aos anos em que serviu como director musical do Ensemble Intercontemporain. Já no século XXI, dirigirá a London Sinfonietta na Temporada Gulbenkian, em Fevereiro de 2006, interpretando obras suas e de compositores por si propostos (entre as quais a minha *Paraphrase*, que tinha dirigido em estreia dias antes, em Londres). Dirigiria ainda a Orquestra Gulbenkian em dois inolvidáveis concertos com a sua música (*zeroPoints* e *Jet Stream*) e o magnífico poema sinfónico *Die Seefjungfrau*, de Alexander von Zemlinski.

Em 2010 regressará a Lisboa para uma rara produção de *Momente*, que considerava a obra-prima de Stockhausen, com o Coro Gulbenkian. Nos anos seguintes iria desenvolver uma forte relação com a Casa da Música, iniciada em Novembro de 2014, com a estreia portuguesa da sua obra *Atlantis*. Acolhendo-o como artista residente, a instituição será co-comanditária de três das suas obras – *Da capo*, *Secret Kiss* e o recente Concerto para Harpa, estreado em Paris em Janeiro.

Foi ainda Artista Associado da

Orquestra Metropolitana de Lisboa na Temporada 2020/21. Agendada anos antes, uma parte da programação foi comprometida pela pandemia de covid-19.

Salvou-se, entre outros, o concerto com o seu *Dialog mit Mozart*, apresentado no Centro Cultural de Belém, lado a lado com a Quarta Sinfonia de Gustav Mahler.

Na noite de sábado, dirigiu em Budapeste a estreia húngara do seu Concerto para Saxofone e Orquestra, *Focus*, página brilhante, jazzística, sedutora, que evoca memórias antigas de Paul Desmond e Gerry Mulligan, entre outros. “Desde a infância sempre me senti muito próximo do saxofone, porque soa como se fosse eu próprio a cantar”, escreveu.

Deixámos tudo em palco, como sói dizer-se – a orquestra, a solista, Erzsébet Selejto, e eu próprio –, num misto de completo envolvimento, de emoção e daquele puro prazer musical que Péter tão bem cultivava na sua escrita e nas suas interpretações. Assim que terminou o concerto dei-lhe conta do enorme sucesso da sua obra, aplaudida em apoteose.

Quis o destino que fosse o seu derradeiro aplauso público em vida. Tinha prometido visitá-lo na tarde de ontem. Horas antes de ir ao seu encontro, fui surpreendido pela notícia devastadora da sua partida. Repousa em paz, querido Péter.

Operação Nariz Vermelho apresenta

O GRANDE NÚMERO dos Doutores Palhaços



Para levar alegria às crianças hospitalizadas escreva este número no seu IRS.

No modelo 3, quadro 11, campo 1101.

campanhas.narizvermelho.pt

